

scientiarum historia IX

9º Congresso em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
09, 10 e 11 de novembro de 2016

HISTÓRIA, CIÊNCIA E REFLEXÕES: Uma proposta transdisciplinar da inclusão de debates sobre drogas na escola.

Francisco José Figueiredo Coelho^{1,2} (ensinodeciencias.ead@gmail.com)

Priscila Tamiasso-Martinhon² (pris-martinhon@hotmail.com)

Célia Sousa² (sousa@iq.ufrj.br)

Resumo

A preocupação com o uso/abuso de drogas pelos jovens não é recente, sendo sinalizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais desde a década de 90. Em 2015, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar revelou o perfil do uso de entorpecentes entre jovens do ensino fundamental. Por meio desses dados e, partindo do pressuposto que a escola seja um terreno propício para o desenvolvimento de ações preventivas para a saúde, o projeto Encontro de Experiências com a EJA foi idealizado. O projeto permitiu que os alunos da Nova Educação de Jovens e Adultos, do Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira, se tornassem multiplicadores de debates sobre drogas, promovendo um espaço transdisciplinar, com troca de conhecimentos de diferentes áreas do saber, desmistificando questões relacionadas às drogas.

Palavras-chave: Transdisciplinaridade na escola, Educação e Drogas, Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

A primeira mesa de debates do VIII Scientiarum História (2015) deve por tema DROGAS: vamos liberar? E trouxe à luz diferentes, e divergentes, olhares sobre o mesmo assunto. De fato, em diferentes esferas sociais torna-se enfática a política de guerra às drogas, marcada sobretudo pela repressão à comercialização e ao uso. Esse anseio social não é recente e, no Brasil, desde a década de 90 já vem sendo sinalizada inclusive pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), colocando a

¹IOC/Fiocruz, SEEDUC-RJ.

²Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA) - Departamento de Físico-Química – IQ - UFRJ.

scientiarum historia IX

9º Congresso em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
09, 10 e 11 de novembro de 2016

escola de educação básica como um espaço importante para o entendimento dessas questões (BRASIL, 1998).

Em 2015, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2015) mostrou que o uso de drogas entre os jovens escolares ainda é contínuo. Em sua amostra 1, com alunos do ensino fundamental, do 9º ano, de mesma faixa etária, a pesquisa revelou que o consumo de bebida alcoólica foi de 23,8%, considerando o consumo durante os trinta dias que antecederam o preenchimento do questionário. O consumo entre as meninas foi superior ao consumo entre os meninos. Nesse estudo, verificou-se que a maneira mais comum de obter a bebida foi em festas (43,8%), com amigos (17,8%), em supermercados, lojas e bares (14,4%), com alguém da família (9,4%), ou outros (14,6%). Dos entrevistados, 21,4% dos escolares informaram que já sofreram algum episódio de embriaguez na vida. No que tange às drogas ilícitas, o consumo de maconha foi de 46,1% enquanto que o de craque foi de 5,5% (BRASIL, 2016).

Na literatura, percebemos que muitos autores concordam que a escola é um terreno propício para o desenvolvimento de ações preventivas em relação à saúde, sobretudo em se tratando da temática drogas (CARLINI-COTRIM, 1992/1998; PLACCO, 2011; COELHO *et al.*, 2016). Contudo, não se pode esquecer que existem diferentes receios entre os profissionais da educação acerca deste tema, o que tem dificultado a implementação dessa discussão (CARLINI-COTRIM, 1992; PLACCO, 2011). Nessa perspectiva, algumas ações em relação ao tema podem ser nocivas à aprendizagem, carregadas de preconceitos e mitos, desenvolvidas por profissionais muitas vezes mais aflitos do que propriamente cientes do que discutem ou fazem (CARLINI-COTRIM, 1992). Por isso, é importante conhecer o contexto contemporâneo, para se pensar em discussão e prevenção do uso abusivo de drogas. Carlini-Cotrim (1992) lembra que há uma profusão de movimentos sociais contra essas substâncias e uma forte pressão da sociedade civil para que o Estado gaste fatia significativa de seu orçamento na repressão, educação e tratamento dos problemas associados ao uso de drogas. Também, ressalta a autora, convivemos com o gigantesco poder ilegal dos cartéis de produtores e comerciantes dessas substâncias, que não medem esforços para manter seus produtos populares (CARLINI-COTRIM, 1998). Na visão da autora, essa é uma preocupação social que deve existir no âmbito educacional. Não apenas a preocupação com a droga em si,

scientiarum historia IX

9º Congresso em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
09, 10 e 11 de novembro de 2016

mas com a dinâmica de veiculação da mesma em nossa sociedade, numa visão transdisciplinar onde saberes históricos, políticos e não apenas científicos, façam parte da discussão.

Para Acselrad (2005), uma questão central no trato do tema não é pensar em uma abordagem antidrogas dentro do espaço escolar. Pelo contrário, a autora acredita ser conveniente uma perspectiva crítica do mundo, nutrido pelo conhecimento das realidades onde os alunos habitam. Para a autora, é importante compreender a utilização de drogas como uma realidade humana, comprovada historicamente, implicando em admitir a ineficiência do impedimento dessa prática e considerando a diversidade e singularidades socioculturais envolvidas no uso das drogas (ACSERALD, 2005/ 2015). O problema da droga não existe em si, diz a autora, mas é o resultado do encontro de um produto, uma personalidade e um modelo sociocultural (ACSELRAD, 2015). Nessa visão, Acselrad (2015) enxerga um grande problema de desinformação social. A combinação estranha e extremamente arriscada de preconceitos e julgamentos inadequados e cientificamente equivocados aumentam o tabu em torno do tema, dificultando sua discussão na escola e, sobretudo em casa, com os familiares. Os adultos, pouco informados, lembra ela, tendem a imaginar que todos os adolescentes usam drogas ilícitas. Se o adolescente é mais rebelde, se não presta atenção às aulas, se anda meio isolado dos colegas, logo tende a ser visto como quem usa drogas. A autora ressalta que cada adolescente é diferente um do outro, com suas experiências, suas vivências, suas famílias, suas crenças e seu grupo social. Nesse sentido, qualquer pessoa, a qualquer momento, não apenas o adolescente, mas também o adulto, poderá encontrar em seu caminho alguma substância psicoativa, mas a maioria não ficará doente por isso e não terá maiores problemas. Diante da droga, não existe um destino igual para todos (ACSELRAD, 2015; COELHO *et al.*, 2016).

Para Coelho e colaboradores (2016), sobretudo pelas turmas da Nova Educação de Jovens e Adultos (NEJA) serem formadas por um número significativo de alunos que já construíram famílias, algumas mães, gerenciadoras de seus lares e alguns pais, chefes de suas casas. A sensibilização do tema drogas nos parece bastante convidativa por dois motivos: (i) afirmarem-se como cidadãos seguros e capazes de tomar e analisar suas decisões, (ii) serem capazes de dialogar e orientar pessoas que passam por dificuldades. Em ambos os casos, os autores sugerem que é

scientiarum historia IX

9º Congresso em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
09, 10 e 11 de novembro de 2016

convitativo sempre um diálogo pautado na troca de experiências e na ruptura de prejulgamentos.

Partindo de uma premissa de uma educação acolhedora, é sugestivo que o aluno entenda que os indivíduos que interagem com eles, seja na escola, no trabalho ou na família, são seres únicos e passíveis de compreensão e entendimento (COELHO *et al*, 2016). Partindo do contexto do ensino noturno, os autores identificam que para vencer a timidez de se falar sobre drogas é importante que a escola se preocupe primeiramente em criar espaços de discussão do tema nas salas de aula, não apenas num viés científico, mas, sobretudo transdisciplinar. Assim, lembram os autores, os alunos têm a possibilidade de se familiarizar com o assunto, percebendo a importância dos debates coletivos para instrumentalizar as pessoas próximas a tomar atitudes menos preconceituosas com temas considerados tabus. Nessa perspectiva, Coelho e colaboradores (2016) propõem a realização de seminários ou mesas redondas sobre alguns tipos de drogas e, em seguida, sugerem discussões mediados pelo próprio grupo que os apresentou, considerando os aspectos econômicos, políticos, históricos, científicos e da saúde. Assim, os debates sobre drogas na escola, segundo os autores, se tornam verdadeiros espaços de troca de experiências e vivências dos estudantes. Estratégias pedagógicas como estas podem ajudar a desmistificar o estigma do usuário como vítima isolada de um contexto, estimulando os alunos a um exercício de reposicionamento social, orientados por uma prática educativa menos julgadora e mais aberta a entender as limitações humanas, acreditamos que os estudantes tenderão a ser menos propensos ao uso problemático de substâncias psicoativas (COELHO *et al.*, 2016).

Contextos e objetivos

Partindo das referências teóricas acima, das preocupações da gestão escolar quanto a indícios de uso abusivo de drogas na comunidade e desinformação dos pais e jovens escolares em relação ao assunto drogas, e, considerando o cenário tabu que a discussão do tema na escola ainda apresenta em pleno século XXI, o projeto - ENCONTRO DE EXPERIÊNCIAS COM A EJA (E3): Debates inclusivos sobre drogas na escola - foi elaborado e implementado no Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira (CEPAP), localizado no município de São Gonçalo. Emergindo da problemática citada e alimentada pela literatura acima referenciada,

scientiarum historia IX

9º Congresso em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
09, 10 e 11 de novembro de 2016

pensamos na possibilidade de formar os jovens e adultos no ensino noturno para o papel multiplicador e fomentador de debates e discussões com outros alunos do ensino regular e com membros da comunidade escolar -pais, parentes e colegas de alunos- numa dinâmica transdisciplinar, repensando a escola não apenas como um espaço de escolarização para os estudantes matriculados, mas aberto à comunidade escolar. Assim, resgatamos com o projeto E3 ações pedagógicas que estimulem os sujeitos da EJA a promover um bem-estar social não apenas para o seu turno, mas para toda a comunidade em torno da unidade escolar, incentivando e estimulando uma autonomia discente (FARIA, 2005; COELHO *et al*, 2016).

O objetivo geral do projeto E3 foi o de integração dos alunos da EJA com a comunidade escolar do CEPAP, sensibilizando-os e tornando-os multiplicadores para gerar debates sobre drogas, educação e saúde na unidade escolar com demais alunos do ensino regular. Para atingir esses objetivos, propomos três etapas específicas: (i) formação geral sobre drogas e saúde, com viés transdisciplinar; (ii) formação específica para os alunos multiplicadores e (iii) multiplicação, com os debates propriamente ditos.

Nas etapas do projeto, diferentes conteúdos curriculares foram envolvidos. Não apenas assuntos básicos sobre biologia e saúde, visto que o tema drogas envolve uma série de conceitos e práticas científicas. Sobretudo, num diálogo transdisciplinar e transversal, o desenvolvimento do saber ouvir, saber se pronunciar, saber respeitar a opinião do outro e argumentar a favor da compreensão, são competências que buscamos desenvolver nesse projeto com os alunos da EJA.

Desenho metodológico do projeto E3

Na etapa de formação geral, na disciplina de Biologia da NEJA foi aberto um momento avaliativo para a realização de seminários discentes em grupo com a turma 201, segundo módulo. O propósito dessa etapa foi a familiarização do tema drogas com os alunos. Cada grupo foi responsável por estudar e abordar em particular uma espécie de droga psicoativa, abordando sua origem, seus principais usos sociais e terapêuticos, os principais problemas no uso abusivo dessa droga e as diferentes questões sociais envolvidas em seu uso, tanto abusivo quanto recreativo. Essa etapa teve a duração de 3 semanas.

scientiarum historia IX

9º Congresso em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
09, 10 e 11 de novembro de 2016

A segunda etapa de formação específica se iniciou na etapa seguinte, com os alunos mais participativos e dialógicos em suas apresentações - independente dos seus grupos de origem - considerando também suas disponibilidades para realizar as ações educativas no horário vespertino. Essa fase aconteceu às sextas-feiras noturnas, durante três encontros, num breve curso de formação de multiplicadores para debates sobre drogas, educação e saúde na escola, ministrado pelo docente da disciplina e por sua equipe. A formação para os alunos da EJA partiu do aprimoramento de questões abordadas nos seminários discentes na etapa anterior. Além disso, ocorreram debates a partir de estudos de caso específicos da realidade escolar em torno do CEPAP.

A etapa final foi a de culminância, momento em que os alunos da EJA mediarão discussões com os alunos do ensino regular junto a outros profissionais do ensino da escola, buscando, de forma lúdica e agradável, construir espaços de diálogo e aprendizagem sobre o tema drogas com outros alunos da escola. Essa etapa final ocorreu com duas turmas do nono ano regular. Dos nove alunos iniciais, apenas 7 alunos realizaram os debates. Em cada sala um aluno da NEJA foi eleito gerente de seu grupo e responsável pela organização e adoção das estratégias que fomentaram os debates.

Ao final de todas as etapas do projeto E3, os alunos da NEJA receberam certificados de participação, com carga horária de 30 horas, fornecidos pela unidade escolar.

Resultados, Discussão e considerações finais

Partindo de uma avaliação global e sistemática do projeto E3, notou-se em ambas as turmas, que a abordagem dialógica e a valorização do ponto de vista discente tornou a discussão mais suave, onde eles puderam se sentir produtivos e autoconfiantes por terem um espaço de troca com alunos da própria unidade escolar. Em seus depoimentos, revelaram que o momento de falar sobre algo tabu é necessário e que a discriminação muitas vezes provém de suas próprias famílias. Se sentiram, com os alunos da NEJA, confortáveis para falar de suas experiências e dos casos mais sinuosos em suas famílias e círculos de amigos. O projeto E3 foi uma possibilidade de trazer a discussão sobre drogas para um espaço formal, de maneira mais descentralizada da formalidade inerente às instituições de ensino.

scientiarum historia IX

9º Congresso em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
09, 10 e 11 de novembro de 2016

Os agentes multiplicadores da EJA pontuaram em reunião avaliativa do evento, que o mesmo surgiu como uma possibilidade de se fazer algo informal num lugar de formalidades. Para os alunos do noturno, notamos que o projeto foi uma motivação e resgate da autoconfiança. Se sentiram capazes e acreditados para mediar grupos e a trazer suas experiências de vida e liderança para os adolescentes. Tendo em vista o comportamento aberto e discursivo dos jovens e o conforto que tiveram em se manifestar sem o peso da avaliação formal, o que se pode notar é que as ações do projeto foram positivas e permitiram que os alunos da EJA se tornassem, mesmo de forma basal, mediadores e multiplicadores de debates inclusivos sobre o tema drogas na escola, divulgando os conhecimentos adquiridos na formação somados às suas vivências. Este projeto revelou a possibilidade que as interações entre turnos podem assumir na escola, a partir de uma mudança de olhares dos alunos do regular e da responsabilidade dada aos alunos do ensino noturno. Na ocasião, uma das alunas, durante a discussão, se emocionou com a situação vivida do alcoolismo e violência do pai com sua mãe, o que gerou um momento de sensibilização da turma em relação à colega. Ações como o projeto E3 nas escolas públicas podem ser ferramentas geradoras de espaços de diálogo e aprendizagem e, sobretudo, de superação pessoal para se aprender a falar, se vencer o medo do tabu do tema e a aprender a se preparar para tomar decisões na vida adolescente e adulta.

Essas ações inovadoras na escola, traduzidas por projetos dialógicos onde professores e alunos aprendem colaborativamente. São, nesse ponto de vista, favoráveis à aprendizagem tanto dos alunos quanto dos docentes envolvidos. Resgatam lembranças, geram reflexões e ampliam o conhecimento de mundo, pois trazem discussões não apenas científicas, mas, acima de tudo, interdisciplinares sobre as drogas. São ações pedagógicas que fortalecem a sensibilidade e a confiança dos indivíduos, reduzindo a vulnerabilidade de muitos jovens em relação a discutir sobre o tema e se sentirem mais autoconfiantes. Talvez, ainda que de forma romântica, possa ser um dos primeiros passos para melhorar o sistema público de educação.

Referências Bibliográficas

scientiarum historia IX

**9º Congresso em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
09, 10 e 11 de novembro de 2016**

ACSELRAD, G. **A EDUCAÇÃO PARA AUTONOMIA: construindo um discurso democrático sobre as drogas.** In: ACSELRAD, G. (Org.). *Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos.* Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005. p.183-212.

ACSELRAD, G. (Org.). **QUEM TEM MEDO DE FALAR SOBRE DROGAS: Saber mais para se proteger.** Rio de Janeiro: Editor FGV, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Saúde.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015.** Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

COELHO, F. J. F.; MARTINHON, P. T.; PORTO, P.; ARAUJO, M. **MEMÓRIAS SOBRE USO E ABUSO DE DROGAS: Abrindo espaços de diálogo e aprendizagem na NEJA e pensando novas formas de abordagem do tema no ensino noturno.** 2016. TCC (Especialização) – NUEC, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

CARLINI-COTRIM, B. **DROGAS NA ESCOLA: prevenção, tolerância e pluralidade.** In: AQUINO, J.G. (Org.). *DROGAS NA ESCOLA: alternativas teóricas e práticas.* São Paulo: Summus, 1998. p.19-30.

CARLINI-COTRIM, B. **A ESCOLA E AS DROGAS: realidade brasileira e contexto internacional.** 1992. Tese (Doutorado) - Departamento de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

FREIRE, P. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes Necessários à Prática Educativa.** Editora Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996. 36ª Edição.

PLACCO, V. M. N. S. **MODELOS DE PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS PARA ADOLESCENTES: concepções e ações de professores.** In: DA SILVA, E. A.; DE MICHELI, D. (Orgs.) *Adolescência, uso e abuso de drogas: uma visão integrativa.* São Paulo: FAP-Unifesp, 2011. p. 657 – 678.